

Posição Epistemológica e Ética em Florenskij: Amor e Hesicasmo

*Florensky's Epistemological and Ethical Position:
Love and Hesychasm*

Gilberto Safra

University of St Paul - BR

Abstract

*In this paper, I propose a hermeneutic reading of the beginning of the first letter entitled *Los dos mundos* in the book *La Columna y el Fundamento de la Verdad*. I consider this text important, as it offers us the epistemological principles that will guide Florensky's investigation. I understand that Florensky proposes a phenomenology, in which the phenomenological reduction is the Cross of Christ. A perspective that brings it closer to the hesychast tradition, which considers the purification of the heart through the Cross, the path to the visit of the Uncreated Light, as a path towards theosis. In the case of Florensky, we have a similar path to achieving a mystical modality of knowledge, in which the intuitive and discursive register are combined in a fertile and rigorous way.*

Keywords: epistemology, ethics, love, hesychasm

Resumo

Neste artigo, proponho uma leitura hermenêutica do início da carta primeira intitulada Los dos mundos, no livro La Columna y el Fundamento de la Verdad. Considero esse texto importante, pois nos oferece os princípios epistemológicos que irão nortear a investigação de Florensky. Em minha leitura, entendo que Florensky propõe, nesse texto, uma fenomenologia, na qual a redução fenomenológica é a Cruz de Cristo. Perspectiva que o aproxima da tradição hesicasta, que considera a purificação do coração por meio da Cruz, o caminho para a visita da Luz não Criada como caminho para a theosis. Em Florensky, temos caminho semelhante para alcançar uma modalidade mística de conhecimento, no qual os registros intuitivo e discursivo se conjugam de modo fértil e rigoroso.

Palavras chave: epistemologia, ética, amor, hesicasmos

Florenskij (2010) nos apresenta, em seu livro *La Columna y El Fundamento de La Verdad*, um universo de conhecimento complexo, no qual temos os princípios epistemológicos e metodológicos que nos possibilitam um caminho de investigação transdisciplinar, para o acesso da estrutura do Real. Como sabemos, o livro é escrito em forma de cartas que se colocam como degraus de uma escada para o acesso de um pensar profundo que reposiciona a investigação científica em solo ontológico/teológico.

O início de cada carta frequentemente aparece em estilo de grande envergadura literária e poética, que oferta não só como porta de entrada para o assunto que será tratado, mas também apresenta princípios hermenêuticos que nos oferecem vértices de leitura e de compreensão dos temas abordados ao longo da obra.

Neste artigo, proponho uma leitura do início da carta primeira intitulada "Los dos mundos". Considero que esse primeiro texto

importante, pois nos oferece, a meu ver, os princípios epistemológicos que irão nortear a investigação de Florenskij.

Em minha leitura, entendo que Florenskij, nesse texto, propõe uma fenomenologia, na qual a redução fenomenológica é a Cruz de Cristo. Perspectiva que o aproxima da tradição hesicasta, que considera a purificação do coração por meio da Cruz, o caminho para a visita da Luz não Criada como caminho em direção à *theosis*. No caso de Florenskij, temos caminho semelhante para alcançar uma modalidade mística de conhecimento.

A carta, em questão, inicia:

Amigo mío dulce y luminoso!

Com um hálito de frío, de tristeza y soledad me há recebido nuestra celda abovedada cuando, por primera vez Después del viaje, he abierto la puerta.

En esta ocasión – ay! – he penetrado em ella definitivamente solo, sin tí (Florenskij 2010: 41).

Florenskij inicia o seu texto assentando a amizade como lugar fundamental, a partir do qual, a sua obra e o vértice de sua investigação irão acontecer. Invoca o amigo doce e luminoso. Observamos que em seguida menciona uma viagem e, ao chegar ao quarto, encontra-o vazio. O amigo não se encontra no quarto. A cama do amigo está cuidada, a cadeira do amigo lá está, Florenskij observa os livros na estante, aos quais ele nomeia como *pensamentos materializados*. Há profunda experiência da ausência do outro.

No início da carta, há uma explicitação da importância da amizade. A amizade, para Florenskij, não é um fenômeno sociológico ou psicológico. A amizade é a disposição originária de cada ser humano em direção ao outro. Podemos afirmar: na alma de cada ser humano, há um anseio profundo pelo amigo, por aquele que está ausente.

Perspectiva que explicita o anseio místico pelo encontro com o Amigo, o Cristo.

A amizade é a disponibilidade originária do ser humano que possibilita não só o acontecimento fecundo, o encontro e, fundamentalmente a experiência de vir a ser. A amizade é lugar do qual emerge a disponibilidade epistemológica, que possibilita que todo ato de conhecimento seja abertura amorosa para acolher, misticamente, em si o objeto de conhecimento.

Conhecer é realmente a saída do conhecedor de si mesmo, ou (o que é a mesma coisa) um real entrar do que é conhecido no conhecedor, uma real unificação do conhecedor e do que é conhecido. Essa é a proposição característica e fundamental da filosofia russa e da filosofia oriental em geral [...].

O que para o sujeito do conhecimento é verdade, é amor desse sujeito para o objeto do conhecimento, enquanto para aquele que contempla o conhecimento (conhecimento do objeto pelo sujeito) ele é beleza. 'Verdade, Bem, Beleza'. Essa tríade metafísica não são três princípios diferentes, mas um único princípio (Florenskij 2010: 55–56).

É necessário amigar-se ao fenômeno que se deseja estudar. Florenskij nos ensina que a disponibilidade de amizade, é originária no ser humano, condição epistemológica para que se possa investigar e conhecer qualquer objeto.

Para que essa disponibilidade possa se tornar ato de conhecimento, Florenskij explicita a importância de se sustentar o anseio pelo encontro com o amigo. Esse anseio é a dor do amor que anseia pelo descanso em Cristo.

No âmago de cada ser humano há anseio saudoso implacável. Essa dor amorosa é o solo do coração, de onde brota a capacidade de

amar. Essa saudade nunca é preenchida por qualquer ente, ela anseia por aquele que é o Amor.

Para Florenskij, a saudade e a sustentação dessa ferida de amor no coração, é disponibilidade epistemológica, é a possibilidade de poder verdadeiramente conhecer o Real e de se estar em relação com o outro ser humano e com todos os entes, em relação ética de amizade.

Florenskij continua:

Dentro de la pequena lámpara de barro arde como entonces el aceite, proyectando hacia lo alto um haz de luz que acaricia el ícono del Salvador, el Rostro "no hecho por mano de hombre" (Florenskij 2010: 41).

A relação com o fenômeno, e com qualquer dimensão da realidade que se busca conhecer, se dá numa experiência de amizade. Está sendo explicitado aqui que para que se possa conhecer, necessita-se estar nesse lugar originário de não saber, de ausência do outro, ansiando pela possibilidade do encontro como lugar epistemológico, como lugar ético, como lugar de fecundidade possível. Gregorio Palamas afirma:

For our part we know that the intellect, being incorporeal, exists neither precisely inside nor outside us; however, we hold that it is joined to us via the organ of the heart. We derive this not from human doctrine, but from the Creator of humanity, who states in the Gospel: *that which enters into the mouth doesn't defile the man, but that which proceeds out of the mouth, this defiles man* (MT 15,11). He adds: *For out the heart come forth evil thoughts [...]* Saint Macarius of Egypt echoes this: *The heart governs the entire human organism and, when grace takes possession of the heart with its laws, it thereby takes possession of all the thoughts and*

elements of that person. This is why the intellect and thoughts are seated here (Palamas 1995: 331–342).

A seguir, Florenskij nos fala sobre o rosto do ícone. Este rosto representa, naquele momento, o rosto de um Outro (o Cristo) que testemunha a relação de amizade com o outro e com os entes. Qualquer relação de amizade com o outro, implica na Presença de um terceiro: o Rosto do Absoluto, o Rosto de Cristo.

A estrutura do Real é relacional, a possibilidade de acessar o fenômeno pelo ato amoroso de conhecer acontece com o testemunho da Presença do Absoluto. Pensar é um diálogo interno. O pensar acontece por meio de diálogo interno, e, ao mesmo tempo, tem-se consciência dessa polifonia que acontece no pensar. Elementos que nos possibilitam observar que a própria estrutura do pensar acontece como evento trinitário. O pensar acontece como um diálogo entre pelo menos dois vértices, que demanda a presença de uma “consciência de” que silenciosamente contempla o fenômeno do pensamento. A estrutura do Real em suas diferentes manifestações acontece como fenômeno trinitário.

Adiante, em sua carta, Florenskij escreve:

Como siempre, em torno a las cuatro de la mañana las campanas anuncian maitines. Los días y las noches se funden em mi conciencia. Yo, extranado, no sé donde me encuentro ni qué mi sucede. Bajo las bóvedas, el espacio entre los estrechos muros de nuestra habitación se há convertido em um lugar fuera del mundo y del tiempo (Florenskij 2010).

Florenskij descreve as árvores que se movem no vento da manhã, o fluxo do dia e da noite. Observa esses diferentes fenômenos. Ele descreve uma dimensão da realidade, que se manifesta sempre como

impermanência. Há dimensões da vida humana que acontecem como experiência de impermanência. O dia sucede a noite, o sono sucede o acordar, as árvores estão em contínua mutação, tudo está de algum modo em contínua transformação. Florenskij a tudo contempla aceitando essa dimensão fundamental da existência dos fenômenos: a impermanência. O ser humano é ontologicamente sempre um peregrino, sempre em transição. Alguns elementos permanecem, mais ou menos aparentemente, os mesmos, mas o viver humano é um contínuo peregrinar, é um estar sem lugar. Aqui encontramos a orfandade e o desalojamento originários da condição humana. Lugar crístico e posição fundamental para qualquer processo de investigação. Nessa perspectiva o ser humano espelha a condição de Jesus.

Jesus lhe respondeu: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça" (Mateus 8: 20).

Há uma explicitação em nosso texto dessa solidão originária, como lugar fundamental a partir do qual se vai poder falar ou abordar qualquer tipo de situação. Situação que possibilita que o ser humano possa estar ontologicamente aberto ao Real, de modo a permitir que o que pode ser conhecido possa ser recebido em experiência de amizade sem precisar ser subordinado a uma abstração racional.

Há, no entanto, uma morada possível a esta condição: a amizade. Ela nos oferta um lugar para fora do mundo e do tempo.

Florenskij prossegue:

Me he levantado hoy de bueña mañana y me ha parecido percibir algo nuevo. Efectivamente en, tras la ventana, en el pulso de una noche, el verano se há despedido. En los torbelinos del aire se arremolinan y serpentean por el suelo

las hojas doradas...Una tras otra, una tras otra caen las hojas. Van girando lentamente por el aire como mariposas agonizantes, volando hacia la tierra (Florenskij 2010).

Florenskij descreve as folhas que caem no outono e, ao mesmo tempo começa também a abordar a questão da morte. Guarda em sua memória aqueles que já passaram por sua vida. Seja nos fenômenos naturais, seja no campo das relações humanas, ele continuamente assinala a impermanência dos seres. Não é possível, em primeiro lugar, encontrar permanência de quem quer que seja. Em segundo lugar, Florenskij fala da consciência fundamental do que ele denomina de *pequenos pecados*, vividos em relação às diferentes pessoas que partiram.

Uno tras outro, y de nuevo outro más, como estas hojas marillenas, van cayendo los seres queridos. [...] “Que has echo tú por ellos?”. Y bien, ya no están y um abismo se extiende entre ellos y yo (Florenskij 2010).

O que seriam esses *pequenos pecados*, que ele chama de *pequenos egoísmos* pequenas coisas que acontecem diante daqueles que partiram?

Há uma falta fundamental diante do que vivemos com os outros. Não importa qual o tipo de vínculo que se tenha com esta ou com aquela pessoa, o ser humano é sempre incapaz de amar suficientemente qualquer pessoa em qualquer lugar.

Certa vez em visita a uma amiga que estava falecendo. Ela me disse: *O padre esteve aqui está manhã. Eu gostei. Ele me deu hóstia para comungar e imagina! ele me perguntou, filha você tem algum pecado?* E continuando, ela falou: *Padre, se eu tenho algum pecado? O meu maior pecado, é não ter amado o suficiente.* Eu lhe disse: essa

é a verdade de todos nós: nunca amamos o suficiente. Há sempre uma impossibilidade originária no ser humano de amar suficientemente. Ela ficou em silêncio e concluiu: *Sabe, eu estou pronta*. Eu confirmei: *sim, você está pronta*.

Foi um diálogo difícil, mas belo. Por mais que se faça ao outro, nunca o ser humano atinge a capacidade de amar plenamente. Diante das perdas vividas ao longo da vida, a experiência fundamental é a de que nunca amamos o suficiente: lugar de humildade originária da condição humana.

Florenskij propõe em seu texto um jogo entre outono e primavera. Ele diz: *eu estou no outono*. Ele está nesse lugar de orfandade, de solidão, com experiência e profunda humildade diante dos acontecimentos. O lugar do outono nos oferta a consciência da morte, da despedida, da humildade. Florenskij se dirige ao amigo ausente afirmando que ele *está na primavera*. Por quê? Discuto isso no livro *Hermenêutica da Clínica Contemporânea*¹ quando afirmo que, fundamentalmente, todo ser humano tem em seu horizonte existencial um sonho do fim. Todos nós sonhamos com a ressurreição de nossas vidas e do mundo. Sonhamos com a plenitude dos tempos, lugar da Esperança.

Não há investigação que se realize que não contenha o anseio fundamental de ressurreição, de primavera. Pesquisar implica em sustentar a Esperança. Florenskij nos mostra que o ser humano sempre está nessa polaridade de viver a solidão e a impermanência outonal com os olhos em repouso no futuro primaveril: redimido e esperançoso.

Florenskij prossegue:

En calma parpadea la lamparilla perpetua, y uno tras outro van muriendo los más próximos. "Sé que resucitará em la

¹ Cfr Safra 2006.

resurrección del último día". Y apesar de todo, confusamente conmovido por um dolor apaciguado, repito ante nuestra cruz, hecha por ti de uma simple rama, y que fue bendecida por nuestro afectuoso Stárets: "Señor! Si hubieras estado aqui, no habría muerto mi Hermano" (Florenskij 2010).

Florenskij menciona a cruz que foi abençoada pelo Starets. Aqui podemos reconhecer um tema fundamental do lugar originário da condição humana em Florenskij e no hesicasmos. A existência nos dá, com suas dimensões, a possibilidade de lidar com as perdas contínuas presentes na vida e nos fenômenos do universo. Fazer a travessia de cada dia em direção ao porvir, a consciência da morte e da esperança final, implica em sustentar em nossa vida a experiência da Cruz. Tomar a própria cruz e seguir o Ressuscitado é lugar ético que demanda a aceitação da orfandade originária da condição humana, tornar-se peregrino sobre a terra em anseio de encontro amoroso realizado na esperança.

Por meio de nosso caminho de leitura, vemos que se explicita qual é o lugar a partir do qual o autor realiza a sua investigação. Usando uma linguagem da metodologia moderna, Florenskij parece estar propondo um reducionismo fenomenológico radical. Nos convida a nos posicionarmos em dimensões originárias da condição humana, que nos possibilitem a abertura para o Real.

Importante reconhecer que Florenskij lida com a polaridade, mas não é ela que o sustenta. A polaridade está presente quando reconhece dia e noite, a ausência e a presença, o outono e a primavera, o princípio de continuidade e de descontinuidade, mas não é ela que sustenta a sua busca da Verdade. A sustentação está fundada no amor ao Cristo, presente em toda a criação. O Cristo aparece no ícone do Salvador, janela para a Verdade, Amor e Beleza.

Nessa perspectiva, Florenskij faz referência a Teófanos o Recluso

porque busca ocupar um lugar semelhante ao do *starets* para realizar seu projeto místico de conhecimento.

Florenskij afirma:

Todo rueda, todo se desliza hacia el abismo de la muerte. Uno Solo permanece, sólo en Él reinan la vida y la quietude inalterables. “Hacia Él tiende todo el curso de los acontecimientos; como la periferia al centro, hacia Él convergen todos los rádios del ciclo del tempo” (Florenskij 2010).

Nosso autor busca situar-se no lugar de cruz, de orfandade, de peregrinaao, de humildade e de esperança. O *starets* habita esse lugar. Quem está nesse lugar estara no silencio, no Centro único, no Coraao.

Florenskij faz a sua pergunta fundamental que ira nortear todo o caminho que será realizado em seu livro:

Del fondo del alma, sin embargo, se eleva la necesidad irreprimible de apoyarse sobre “la Columna y el Fundamento de la Verdad. [...] Como acceder a esta Columna? (Florenskij 2010).

Esta é a grande pergunta do texto de Florenskij. Nela reside o objetivo de todo o trabalho que Florenskij irá realizar: a explicitaao da Coluna e do Fundamento da Verdade. O que está sendo proposto? Uma vez que, Florenskij chama a atenao que tudo na vida é impermanência, qual a sustentao possível diante de todas essas impermanencias da vida, qual a dimensão do Real que se procura acessar atráves da investigaao a ser realizada?

É aqui que Florenskij vai inserir, a questão da Verdade. Em meio à flutuaao da vida, em que tudo se revela impermanente, é

fundamental sustentar-se na Verdade.

Um dos aspectos importantes que precisamos reconhecer é que, para Florenskij, a Verdade não é relativa. Não existe uma verdade para cada área científica. A verdade de cada área científica, a verdade de cada cultura, são janelas da Verdade. É possível acessar a Verdade como elemento fundamental diante de tudo aquilo que é impermanente. A Verdade é o que se manifesta como estrutura do Real. O ensino de Florenskij é mostrar como é possível se acessar a Verdade que se manifesta, nas diferentes ciências.

Na primeira carta "Los dos mundos", Florenskij fundamenta um vértice epistemológico e metodológico a partir da experiência da Cruz. Em sua biografia, a experiência da Cruz se mostrou de modo implacável quando viveu nos campos de concentração em Solovki². Florenskij naquela condição inóspita, sabendo que a morte se avizinhava, se manteve vinculado à vida em disponibilidade amorosa e aberto à possibilidade de se manter investigando a obra do Criador.

Tudo se passa como se já em seus primeiros escritos realizasse uma preparação para os momentos derradeiros de sua vida. Ou seja, o que parece que o sustentou no campo de concentração, foi o seu amor à Verdade, como Rosto do Cristo. No campo de concentração, o seu amor, fé e esperança foi a vela acesa, que se manteve diante do ícone do Salvador.

Bibliografia

Florenskij, P. (2000). *Non dimenticatemi. Le lettere dal gulag del grande matematico filosofo e sacerdote russo*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore.

² Cfr. Florenskij 2000.

Florenskij, P. (2010). *La Columna y El Fundamento de La Verdad*. Salamanca: Ediciones Sígueme.

Palamas, G. (1995). "In defence of those who devoutly Practice a Life of Stillness". In *Id., The Philokalia: The Complete Text*. Trans. by G.E.H. Palmer, P. Sherrard, K. Ware, vol IV, London 1995, pp. 331–342, Gregorii Palamae De Hesychasts, In PG, vol CL (cetera: Palmas, De Hesychasts) col. 1105B-1108A.

Safra, G. (2006). *Hermenêutica na situação clínica. O desvelar da singularidade do idioma pessoal*. São Paulo: Ed. Sobornost.

